

1. Modalidade da Ação

Projeto - Atividade processual contínua de caráter educativo, social, cultural, científico ou tecnológico, com planejamento, objetivo predefinido, prazo determinado e avaliação de resultados. Pode ser desenvolvido isoladamente ou estar vinculado a um programa institucional, acadêmico e/ou de natureza governamental.

2. Apresentação do Proponente

Unidade Instituto de História

Sub-Unidade Instituto de História

3. Identificação da Proposta

Registro no SIE X 27047

Ano Base 2023

Campus Campus Santa Mônica

Título

Diversidade de gênero e artes marciais chinesas: lutando contra a violência e a exclusão

Programa Vinculado 1 PROGRAMA DE EXTENSÃO INTEGRAÇÃO UFU/COMUNIDADE - PEIC 2023

Programa Vinculado 2 Não Vinculado

Área do Conhecimento Ciências Humanas

Área Temática Principal Cultura

Área Temática Secundária Saúde

Linha de Extensão Esporte e lazer

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

Objetivo 3. Saúde e bem-estar

Objetivo 4. Educação de qualidade

Objetivo 5. Igualdade de gênero

Atividade Curricular de Extensão Não

Código(s) da(s) Atividade(s) Curricular(es) de Extensão

-

Resumo / Objeto da proposta

O projeto apresentado é um desdobramento da atividade de assistência estudantil desenvolvida ao longo de 2022, sob o cadastro SIAE 11457, "Kung Fu LGBTQIA+", oferecido pelo laboratório Caminhos Marciais Humanidades e Educação Integral (EDUCAM), do Instituto de História da UFU. Busca-se, nesta nova versão, adaptar as atividades de modo a configurá-las como atividade de extensão, aberta à população LGBTQIA+ da cidade, independentemente de vínculo formal com a UFU. A oferta de uma modalidade de artes marciais exclusiva para o público LGBTQIA+ visa garantir um ambiente de prática amigável a grupos que, infelizmente, sofrem bastante preconceito em academias tradicionais, historicamente, marcadas pelo predomínio masculino, hétero e cis. A prática de artes marciais, conforme aqui entendida, é um instrumento capaz de fortalecer os sujeitos ao elevar sua autoestima, melhorar a sua autoimagem, desvendar seus potenciais e capacidades criativas e prepará-los para as diversas formas de conflitos que se apresentam ao longo da vida. Arte marcial é um conceito que vai muito além da luta em si. É o cultivo

de habilidades que preparam as pessoas para um "combate simbólico" presente na existência humana como um todo. Diante das várias expressões da LGBTQIAfobias, fortalecer os grupos e os indivíduos que sofrem discriminação é um dever da sociedade e do estado. A universidade, por meio da sua Política de Diversidade Sexual e de Gênero (RESOLUÇÃO Nº 10/2019, DO CONSELHO UNIVERSITÁRIO, de 30 de agosto de 2019) oferece um instrumento relevante neste sentido. O Kung Fu, estudado e com prática somaestética estruturada sob perspectiva de inclusão de gênero é potencialmente fértil para a promoção de seus objetivos.

Palavras-Chave Gênero ; Cultura Marcial ; Diversidade

Realização:

Início: 02/03/2023

Término: 31/12/2023

Carga Horária Realização: 660

Status da Ação Deferida pela PROEXC

4. Detalhamento da Proposta

Justificativa

Conforme a resolução 10/2019 do CONSUN, no seu artigo 4º, podemos destacar/citar, se não todos, vários objetivos ligados às políticas para a diversidade sexual e de gênero para os quais a prática regular de artes marciais é um campo de elevado potencial. Um deles, em especial, pode ser aprofundado a partir de um olhar complexo a respeito da cultura marcial chinesa e da sua relação com questões de gênero: "instituir serviços contra toda forma de violência, assédio moral, sexual e outras formas de discriminação que afetam a população LGBT".

Violência e conflito são palavras chaves das culturas marciais e, quando as entendemos para além do óbvio e literal das lutas corporais, avançando para o universo do combate simbólico, elas ganham seu maior sentido. Daí, quando pensamos em "toda forma de violência e outras formas de discriminação", realmente pensamos muito além das agressões físicas das quais a população LGBTQIA+ é vítima em nossa sociedade.

Gilberto Freyre, em seus estudos clássicos sobre o patriarcalismo brasileiro, oferece um insight muito interessante a respeito das relações culturais entre Brasil e o "Oriente" (em particular, a China) ao longo da história moderna e da colonização. Ao perceber a aderência de valores culturais e estéticos asiáticos no Brasil desde a Colônia, o intelectual pernambucano reconhece que uma das instituições que estruturam esses dois universos é propriamente o patriarcado (FREYRE, 2011: 37-106).

As artes marciais chinesas, como expressões das culturas tradicionais do "Império do Meio" (Zhongguo), não estão livres de suas conotações patriarcais, pelo contrário. A ética confucionista, baseada na filialidade (xiao) e na fidelidade/lealdade (zhongcheng), tem como derivação direta, na cultura marcial, as obrigações entre discípulo e mestre e o compromisso de cada integrante da "família marcial" (wujia / wu shizu) (Cf.: TRALCI FILHO, 2014: 24-30). Nesta analogia entre o universo da comunidade marcial com a comunidade doméstica, por vezes, efetivamente amalgamadas, o patriarcado fornece as bases da hierarquia institucional, o que transforma a questão de gênero em algo estruturante das relações entre praticantes de artes marciais, ainda que isso venha se transformando na medida em que mulheres vão ascendendo à condição de mestras (shifu).

Um dos efeitos da paridade entre as comunidades marcial e doméstica foi, historicamente, a exclusão da mulher enquanto mestras de artes marciais. Ainda que muitos estilos e artes tradicionais tragam mitos e fábulas muito antigos de mulheres fundadoras de sistemas marciais (o caso mais conhecido é o de Wing Chun), na prática, foi somente no início do século XX, após a Revolução Xinhai, que as mulheres passaram a receber atenção em termos de treinamento marcial (Cf.: APOLLONI, 2004). Ainda assim, vigorava uma ideologia segundo a qual elas seriam menos aptas à prática e ao aprendizado, o que levou, por exemplo, a Associação Jingwu de Shanghai, uma das instituições de vanguarda, neste sentido, nas primeiras três décadas do século XX, a ter currículos marciais específicos para as mulheres (Cf.: KENNEDY & GUO, 2010).

Ao longo do século XX, entretanto, alguns fatores levaram as mulheres a assumirem protagonismo cada vez maior no mundo das artes marciais chinesas. Podemos destacar alguns deles:

1) A mudança do paradigma a respeito do sentido das artes marciais no século XX, tornando-se cada vez menos ligada às guerras e mais ao cultivo da saúde física e ao auto-cultivo ético, permitiu uma "feminização" dos praticantes, menos associados à força bruta (do yang, masculino) e mais à suavidade do yin (feminino). Isso explica, em parte, a própria proliferação de mitos sobre fundadoras de sistemas

marciais (Cf. APOLLONI, 2004: 80-82).

2) Um dos primeiros processos de "ocidentalização" de artes marciais chinesas deu-se via divulgação do Taijiquan como prática de autocultivo somático e terapêutico na Europa e nos EUA do pós guerra, tendo como mediadoras terapeutas e dançarinas, como Gerda Guedes (no Reino Unido) e Sophia Delza (EUA) (RUSSO, 2016: 59-62).

3) Após a Revolução de 1949, o Partido Comunista Chinês, imbuído de mentalidade "modernista", inseriu as artes marciais chinesas (Wushu) no seu programa de desenvolvimento atlético, olímpico e esportivo como modo de projetar imagens positivas do país no exterior. Ao se tornar esporte de alto rendimento e com apelo estético explícito, o Wushu, que incluía categorias femininas de competição desde antes do período comunista - como foi o caso das competições promovidas pela Academia Central de Artes Marciais, em Nanjing, desde os anos 30 -, pode oferecer, assim, espaço para que mulheres pudessem se destacar (Cf.: REIS JUNIOR, 2019: 61-90).

4) Em Hong Kong, nos anos 60 e 70, foram as mulheres e não os homens que primeiramente assumiram papéis de protagonistas na cinematografia de Wuxia (novelas marciais), inicialmente pastiches da produção japonesa do cinema Samurai (Chambara) que acabaram por se tornar um dos ícones da cultura pop mundial na chamada "febre do Kung Fu". Antes de se tornar tendência da cultura de massas, o cinema de Wuxia era atividade de menor status social e os homens praticantes de kung fu preferiam se dedicar a outra produção artística de maior legitimidade à época: a ópera. Atrizes de filmes de artes marciais ajudaram a formar uma ideia feminina para as artes marciais chinesas que permanece forte no imaginário global sobre elas, sobretudo, no universo pop (Cf.: CLARKE, 2002).

Entre a estruturação institucional fundada no patriarcalismo e o imaginário da feminilidade das artes marciais chinesas, configura-se, contemporaneamente, uma ambiguidade complexa que permite tematizar e problematizar o gênero no interior de suas práticas atuais. Por um lado, o machismo indiscutivelmente presente nos espaços de prática de artes marciais chinesas, especialmente no Brasil, mistura-se com elementos do nosso próprio patriarcalismo mais conservador. Por outro, a atração de mulheres e pessoas LGBTQIA+ pela prática de Kung Fu (nome genérico para artes marciais chinesas) e outras formas de lutas e artes de autodefesa; há décadas, tem forçado as comunidades marciais a se abrirem (Cf. WILEY, 1992: 01-04), sobretudo, quando o que está em jogo é a viabilidade econômico-comercial de academias.

Qualquer pessoa que se aventure a entrar em uma escola de artes marciais chinesas no Brasil (e Uberlândia não é exceção) perceberá a grande desproporção entre a maioria de praticantes masculinos e a minoria de praticantes femininas. Ainda assim, não deixará de prestar atenção na presença de mulheres e, com atenção, de pessoas LGBTQIA+. A primazia do público masculino não é exclusivo das artes marciais chinesas, mas se verifica em todo universo das artes marciais praticadas no país. Talvez a única exceção seja o Taijiquan, não por acaso, uma arte cuja marcialidade é ignorada socialmente, inclusive, por muitos dos seus praticantes, que a entendem como exercício puramente para saúde e autocultivo.

Mulheres e pessoas LGBTQIA+ são atraídas para as academias de artes marciais (chinesas e outras). Há inclusive busca mercadológica pelo público feminino em peças publicitárias de academias. Contudo, apesar de não haver dados concretos levantados a respeito, a permanência e a frequência de longo prazo são, hipoteticamente, menores em comparação com homens. Ao menos essa é a impressão subjetiva desse pesquisador e praticante de artes marciais asiáticas no Brasil. O ambiente das academias de artes marciais chinesas é masculino e, muitas vezes, machista e misógino. Tal ambiente é fruto de uma cultura historicamente desenvolvida ao longo das últimas décadas de difusão das artes marciais no Brasil da qual destacamos os seguintes elementos constitutivos:

1) Como já destacamos, o patriarcalismo confucionista de fundo, presente na hierarquia das famílias marciais e reproduzido pelos mestres pioneiros de origem chinesa no Brasil desde os anos 60 e 70 (Cf.: APOLLONI, 2004b: 154).

2) A masculinização do cinema de Kung Fu (amplamente consumido no Brasil na época da formação das comunidades marciais do país), sobretudo, a partir de seu sucesso nos EUA e do fenômeno midiático de Bruce Lee, cujos filmes romperam com a estética feminina do cinema Wuxia nas suas primeiras décadas em Hong Kong (Cf.: CLARKE, 2002).

3) A fusão do imaginário das artes marciais chinesas com o imaginário das artes marciais nipônicas nas primeiras décadas de difusão da cultura marcial asiática no Brasil (e em outros países do mundo, como nos EUA) (Cf.: MARTA, 2009: 122-134), trouxe, como um de seus protótipos e arquétipo, o guerreiro samurai (Cf.: LOURENÇÃO, 2009: 64-93), ícone de uma honra masculina romantizada em termos muito semelhantes daqueles do cavaleiro medieval, conforme aparece, por exemplo, no clássico livro de Inazo Nitobe sobre o Bushidô e a "alma samurai do Japão" (Cf.: GONÇALVES, 2020).

4) A profusão da cultura de desafio entre artistas marciais, do vale tudo e dos primórdios do MMA no Brasil, que em sentido metafórico, pode-se dizer ter elevado o "nível de testosterona" das comunidades marciais no país, sobretudo, e inicialmente, no Rio de Janeiro, com as suas culturas de luta livre de jiu-jitsu bem estabelecida desde o início do século XX. Este universo hegemonicamente masculino foi definitivamente ocupado por mulheres brasileiras que se tornaram grandes campeãs da modalidade, como Amanda Nunes e Cris Cyborg, por exemplo. Ainda assim, dentro do esporte, essas mulheres (campeãs ou não) são muitas vezes, vistas (quando não puramente "invisibilizadas") com preconceito pelos próprios praticantes e entusiastas masculinos da modalidade, sendo vítimas, inclusive de lesbofobia (Cf.: GRESPAN, 2014: 21-39).

O afastamento do público feminino e LGBTQIA+ por meio de mecanismos conscientes e inconscientes dos espaços de aprendizagem e treinamento de artes marciais tradicionais é parte de um processo de EXCLUSÃO. A cultura misógina presente nos ambientes de prática de artes marciais no Brasil priva este público dos benefícios que esta forma de cultivo promove nos sujeitos envolvidos. No caso, destacamos dois: (1) a descoberta da potencialidade latente por trás da aparente fragilidade dos corpos submetidos ao jugo masculino/patriarcal e (2) o diálogo com o outro na perspectiva do cuidado mútuo.

Ilustro o primeiro benefício com o depoimento da mestra de Kung Fu e professora de Defesa Pessoal, Debbie Leung, quando faz a seguinte reflexão: "A prática de arte marcial afeta positivamente minha abordagem sobre a vida em geral enquanto me treina a vencer uma luta definitiva, aquela que em que o oponente me testa física e mentalmente para além dos limites. Embora eu pense que muitas mulheres podem se beneficiar de aulas de auto-defesa, eu não espero que todas que tenham a necessidade prática e imediata de informações para defesa pessoal possuam o cometimento necessário para obter este tipo de benefício de uma arte marcial. Eu sinto que a minha prática de arte marcial tornou-me uma professora melhor de auto-defesa, pois ela me forneceu uma perspectiva mais ampla do que as mulheres são capazes de fazer, não apenas fisicamente, mas em outros âmbitos". (LEUNG, 1992: 67)

A conquista de Leung com a sua prática de artes marciais foi descobrir potencialidades (aquilo que as mulheres são capazes de fazer) para além dos limites físicos, mentais e outros que sejam colocados em teste (numa situação de conflito). No mesmo livro, Carol Wiley afirma algo semelhante: "o valor do treinamento de artes marciais é, em si mesmo, o empoderamento" (WILEY, 1992: 01). Ambas parecem reconhecer algo que Richard Shusterman, dialogando com Simone de Beauvoir, chama de "potencial emancipador da práxis somaestética". Conforme o autor:

"Ao denunciar os mecanismos sutis pelos quais as subjetividades diferentemente corporificadas são subjugadas por meio de seus corpos, Beauvoir mostra como as diferenças corporais distintivas das mulheres e dos idosos são percebidas como negativamente marcadas em termos de poder social, refletindo a dominação masculina. Esse enfraquecimento social é reciprocamente reforçado pela fraqueza corporal percebida nas mulheres e nos idosos, que parece justificar sua condição subordinada como algo necessário e natural. Incentivada e inculcada pelas instituições e ideologias preponderantes de nossa cultura, essa subordinação somática e social é, além disso, incorporada aos hábitos corporais desses sujeitos dominados, que assim reinscrevem inconscientemente seu próprio senso de fraqueza e dominação" (SHUSTERMAN, 2012: 130).

Para Shusterman, o cultivo de maiores poderes e consciência somáticos podem ajudar a libertar essas subjetividades social e somaticamente enfraquecidas, como as mulheres, os idosos e, acrescentamos, pessoas LGBTQIA+, numa sociedade de hegemonia masculina patriarcal. As artes marciais, praticadas conforme indicado nas falas de Leung e Wiley são modos sofisticados e altamente eficazes de cultivo de consciência somática e de poderes a isso relacionados. Portanto, são métodos eficazes de libertação e emancipação ou, se preferirmos, empoderamento desses grupos inferiorizados sob a "força masculina".

O segundo benefício é relacionado ao diálogo com o outro na perspectiva do cuidado e passa por assumir papéis na luta ou no treinamento marcial que, socialmente, estão relacionados a gêneros específicos. Maya Maor, trabalhando com o universo das mulheres praticantes de BJJ, demonstra que as artes

marciais são um campo fértil para a apropriação subversiva de papéis de gênero, na qual, por meio do contato marcial entre pessoas de diferentes sexos, novos regimes de corporalidade são aprendidos, com mulheres se apropriando de performances de "masculinidade" (tal como modos de conduta ativa e uso de força, por exemplo) e homens se apropriando de performances de "feminilidade" (tal como o controle da força, a eficácia da suavidade e o cuidado com o outro). Nesse sentido, a prática de arte marcial fortalece não somente o senso de habilidade ou a consciência de potencialidades dos sujeitos, mas, igualmente, a sua identidade, a sua auto-estima e a sua capacidade de assumir diversos papéis sociais para além dos limites socialmente impostos para os diferentes gêneros (MAOR, 2019).

Posto tudo isso, a relevância da proposta está em oportunizar a prática das artes marciais chinesas (Kung Fu) para a comunidade LGBTQIA+ universitária e extra-universitária a partir de paradigmas que buscam a inclusão de gênero por meio do fortalecimento da consciência somática e da auto-estima dos sujeitos. O projeto busca fortemente a transformação das pessoas envolvidas na direção da auto-cuidado, do empoderamento e da auto-valorização. Ao mesmo tempo, visa a transformação da prática social e da vida universitária, instituindo modos legítimos de fruição marcial por corpos não domesticados pelas convenções sociais patriarcais e heteronormativas hegemônicas.

Faremos isso em diálogo com diversas áreas de conhecimento presentes na universidade, sobretudo, com a área de ciências humanas e sociais, enfatizando as dimensões culturais, históricas e sociológicas que estruturam as comunidades marciais, buscando superar limites que afastam a comunidade LGBTQIA+ do Kung Fu, em particular, ou das artes marciais, em geral. Articularemos este intuito à formação de estudantes da UFU que participem e colaborem ativamente das práticas, apropriando-se delas para a sua formação acadêmica e humana. Traremos a comunidade LGBTQIA+ extra-universitária para dentro do Campus Santa Mônica e desenvolveremos, com ela e ouvindo-a, modos de aprimorar a oferta e a disponibilização de aprendizado marcial para este público específico.

Objetivo Geral

Por meio da prática de artes marciais chinesas em ambiente amigável ao público LGBTQIA+, busca-se fortalecer as identidades, a autoestima e a consciência das potencialidades de sujeitos marginalizados socialmente em virtude de sua identidade de gênero e/ou sua orientação sexual.

Objetivos Específicos

- Avaliar criticamente os benefícios da prática do Kung Fu (enquanto práxis somaestética de potencial transformador) para abordar os desafios e dilemas de vida de pessoas que sofrem violência ou discriminação por conta de sua identidade de gênero e/ou orientação sexual;
- Oportunizar o diálogo entre universidade e sociedade sobre as subjetividades LGBTQIA+ e as formas de violência e discriminação presentes nas relações de poder da contemporaneidade;
- Estabelecer estratégias individuais e coletivas de (auto)proteção contra violência de gênero e a marginalização social da comunidade LGBTQIA+ em geral e das pessoas trans, de maneira mais específica;
- Ampliar os espaços de inclusão de pessoas LGBTQIA+ na universidade pública, inserindo-as em práticas lúdicas, recreativas, de alto valor cultural e potencial para a expressão das suas subjetividades;
- Colaborar com a formação ética, cidadã, multidisciplinar e socialmente referenciada de estudantes da UFU de diferentes áreas de conhecimento, inserindo a temática da inclusão de gênero e combate à discriminação e à violência no horizonte de seus estudos e reflexões;
- Trazer o universo das artes marciais chinesas, como saberes socialmente difusos na sociedade brasileira, para dentro da universidade e da academia, promovendo um diálogo intercultural qualificado e comprometido com os valores de um país democrático, pluralista e inclusivo.

Metodologia

A proposta aqui apresentada segue o paradigma teórico da Somaestética (SHUSTERMAN, 2012). Em termos resumidos, pode-se dizer que tal proposta se apoia na "unidade somática", pressuposto pelo qual se entende que corpo-mente-cultura, expresso como "soma", não pode ser abordado de modo separado, mas como um conceito unificado. A separação extrema (inclusive realizada na cisão entre campos disciplinares de diferentes áreas de conhecimento) entre fisiologia (do corpo), psicologia (da mente) e sociologia (da cultura corporal ou das relações sociais corporificadas) é artificial e impede abordagens holísticas transdisciplinares.

De tal modo, podemos pensar, por exemplo, que os hábitos ("corporais" ou "mentais") que assumimos como "naturais" são, na verdade, como mostram autores tais como Michel Foucault e Pierre Bourdieu, resultados de relações de poder socialmente presentes, que se corporificam na subjetividade. Daí, para Shusterman, o desenvolvimento de consciência somática reflexiva, por meio de disciplinas tais como meditação, artes marciais, esportes, terapias diversas e tantas outras, não é politicamente alienante, mas uma estratégia de auto-fruição emancipatória e crítica, capaz de sondar as causas e efeitos de nossos condicionamentos ou hábitos somáticos. Refletir sobre nossos hábitos somáticos com vistas ao

seu melhoramento é, assim, conforme Shusterman, fundamental enquanto "arte de viver", apontando para aquela que é a mais clássica função da filosofia: o imperativo socrático do "conhece-te a ti mesmo" (idem).

Como já abordado no item justificativa, trazemos este paradigma ao projeto com vistas a tratar o kung fu (nome genérico para artes marciais chinesas) como disciplina capaz de fundamentar o "potencial emancipador da práxis somaestética". Isto é, mais especificamente, para fortalecer as identidades, a autoestima e a consciência das potencialidades de sujeitos marginalizados socialmente em virtude de sua identidade de gênero e/ou sua orientação sexual.

No projeto, isso se desdobra em três caminhos articulados:

1) Caminho prático-reflexivo: concretamente, oficinas de "kung fu" (sistema Nanbei Wudao) para estudo técnico e artístico da movimentação e preparação/treinamento físico e corporal para a marcialidade. Tais oficinas ocorrerão semanalmente ao longo dos semestres letivos da graduação no ano de 2023, quando serão trabalhadas formas, entendimentos e aplicações dos primeiros estágios técnicos do primeiro grau do sistema Nanbei Wudao. O objetivo principal é o ganho e o aprimoramento da consciência somática das pessoas participantes em diálogo com a marcialidade, entendida como capacidade ativa de lidar, suave, defensiva e pacificamente, com ameaças e conflitos.

2) Caminho reflexivo-ético: concretamente, rodas de conversa (semestrais) para fazermos balanços sobre a prática do kung fu e as atitudes pessoais e coletivas para lidar com a violência de gênero em nossa sociedade. Tais conversas serão realizadas com a presença de todas as pessoas participantes do projeto. Serão mediadas pelos bolsistas do projeto, que também terão a incumbência de registrar e sistematizar as opiniões, impressões e depoimentos de todas as pessoas envolvidas. É um momento privilegiado para a verbalização das subjetividades e para a (auto)avaliação das atividades.

3) Caminho analítico-crítico: concretamente, a elaboração de um relatório por parte dos bolsistas (com a orientação do coordenador da proposta) sobre os benefícios da prática de artes marciais chinesas para o fortalecimento das identidades, da autoestima e da consciência das potencialidades de sujeitos marginalizados socialmente em virtude de sua identidade de gênero e/ou sua orientação sexual. Tal relatório deverá ser subsidiado pela escuta qualitativa das pessoas participantes do projeto, pela aplicação de questionários (anônimos e de adesão voluntária pelas pessoas participantes) em diferentes momentos da prática e pela leitura de material bibliográfico de fundamentação teórica (nos campos da Somaestética e da história da disseminação das artes marciais chinesas no Brasil).

Da maneira que está organizada, a metodologia se abre para a participação de estudantes de diversas áreas de conhecimento em perspectiva transdisciplinar e multiprofissional. Desse modo, não iremos circunscrever a seleção de bolsistas apenas ao Instituto de História, onde a ação está lotada, mas poderão concorrer estudantes de outros cursos, de outras unidades acadêmicas, cujos projetos pedagógicos podem ter interface com o projeto, a saber: artes (em qualquer das suas especialidades), biologia, biomedicina, ciências sociais, direito, educação/pedagogia, educação física, filosofia, fisioterapia, geografia, história, jornalismo/comunicação e psicologia.

A ampla gama de áreas de formação para as quais este projeto se abre aponta, sobretudo, ao aspecto da formação cidadã e ética, que é transversal ao conjunto das áreas de conhecimento. A metodologia adotada provém, sobretudo, das ciências humanas sociais, em particular, da Filosofia (Somaestética), da História (história das culturas corporais) e da Sociologia (relações de poder, corpo, gênero e sexualidade). Seria, entretanto, limitador circunscrever a relevância da atividade apenas à formação de filósofos, historiadores e sociólogos. Ela se volta, principalmente, à formação de profissionais da educação e da saúde em perspectiva integral, abordando qualidade de vida, direitos sociais e fortalecimento da subjetividade como aspectos diversos de um fenômeno unificado: colaborar para a dignidade plena da vida humana e da busca pela felicidade e pela auto-realização.

Sobre o sistema Nanbei Wudao:

Em paralelo às atividades previstas por este projeto, estará em andamento uma outra atividade de extensão do EDUCAM/INHIS/UFU, referente ao registro histórico-técnico-artístico do Nanbei Wudao, sistema que já vem sendo ensinado no âmbito de uma ação de assistência estudantil do laboratório em parceria com a DISAU/PROAE/UFU voltada a estudantes LGBTQIA+ da UFU.

Não se trata de um sistema tradicional (de linhagem familiar chinesa reconhecida por instituições esportivas internacionais de prestígio) de Kung Fu, mas, nem por isso, é menos interessante. A riqueza

cultural do sistema é bastante singular, articulando aspectos locais e globais. O professor Niltoamar, sistematizador do Nanbei Wudao, foi aluno de dois mestres precursores das artes marciais chinesas em Uberlândia, Nilo Nakao e Huang Yu Sheng. Do segundo, foi, inclusive, formando da sua primeira turma de alunos e instrutor durante décadas em sua academia, a Wushukuan. Além disso, Niltoamar realizou cursos e formação em diferentes estilos de artes marciais com importantes mestres de São Paulo, Brasília, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, como o Mestre Li Wing Kai, Thomas Chan, Wang Hsiao Po e outros. Ele absorveu muitos conhecimentos de artes marciais chinesas tradicionais e modernas, além de ter se aventurado em artes marciais de outras matrizes culturais, como o Aikido, o Kickboxe, o Kappo Jutsu e outras. Todas essas referências encontram-se presentes na diversidade técnica e estética do Nanbei Wudao e se articulam/harmonizam na compreensão somática do professor Niltoamar, que envolve dimensões teóricas da Educação Física (sua área de formação) e práticas (decorrentes da sua própria experiência corporal). Nesse sentido, o Nanbei Wudao é um arranjo original da cultura marcial chinesa em contexto diaspórico. É expressão local/global da cultura corporal derivada das artes marciais chinesas na contemporaneidade e na região.

Não é fortuita, portanto, a escolha de trabalharmos com o Nanbei Wudao. Sua "modernidade" e "regionalidade" nos permite escapar de armadilhas que muitas vezes conjugam-se ao modo de estruturação hierárquica de linhagens tradicionais, o que se relaciona, como já discorrido na justificativa, ao patriarcalismo confucionista relido ao modo latino-americano/brasileiro. Por outro lado, a sua "modernidade" não está completamente desgarrada e conceitos advindos da cultura marcial asiática (especialmente chinesa) profundamente absorvida e apropriada na trajetória de Niltoamar enquanto artista marcial e professor de Kung Fu ligado a mestres chineses reconhecidos nacionalmente no Brasil. É uma escolha que agrega, portanto, a liberdade política das artes marciais modernas com a busca de raízes culturais presente em escolas mais tradicionais.

Classificação

Sem Classificação

Metas / Ações

- 1) Desenvolver atividades regulares semanais de Kung Fu (sistema Nanbei Wudao) para atender no mínimo 12 e no máximo 30 pessoas (das comunidades universitária e extra-universitária) auto-identificadas em qualquer espectro da comunidade LGBTQIA+;
- 2) Estabelecer duas rodas de conversas (semestrais) para discutir temas relacionados à violência de gênero e às atitudes pessoais e coletivas para lidar com conflitos dela resultantes a partir do cultivo nas artes marciais chinesas na perspectiva do cuidado e da cultura de paz;
- 3) Elaborar e apresentar um relatório, a ser confeccionado pelo/a/es bolsistas, com a colaboração de todo/a/es participantes do projeto, elencando os benefícios da prática de artes marciais chinesas para o fortalecimento das identidades, da autoestima e da consciência das potencialidades de sujeitos marginalizados socialmente em virtude de sua identidade de gênero e/ou sua orientação sexual.

Avaliação do Projeto

A (auto)avaliação do projeto está agregada a uma de suas metas, a saber: "elaborar e apresentar um relatório, a ser confeccionado pelo/a/es bolsistas, com a colaboração de todo/a/es participantes do projeto, elencando os benefícios da prática de artes marciais chinesas para o fortalecimento das identidades, da autoestima e da consciência das potencialidades de sujeitos marginalizados socialmente em virtude de sua identidade de gênero e/ou sua orientação sexual." No relatório, um dos itens será relativo à avaliação das atividades desenvolvidas, inclusive por meio de aplicação de formulários de avaliação. Tais formulários abrangerão a atuação do coordenador/professor e do/a/es estudantes bolsistas; a qualidade da metodologia desenvolvida; a satisfação com o que foi apreendido/praticado/exercitado; o impacto da prática na vida de cada participante; a infraestrutura oferecida pela UFU e a indicação de críticas, sugestões e elogios.

Público Participante

Direto 20

Público Almejado

O público alvo do projeto será EXCLUSIVAMENTE pessoas auto-identificadas com qualquer espectro da comunidade LGBTQIA+, independentemente de vínculo com a Universidade Federal de Uberlândia.

Adotaremos como público preferencial mulheres e homens trans, para as quais será reservada uma cota mínima de vagas a ser definida em edital. Trabalha-se com um mínimo de 12 pessoas participantes do projeto e um máximo de 30 pessoas. Ao ser fechada turma com 30 pessoas, pelo menos 10 deverão ser homens e mulheres trans.

Acreditamos em grande efeito multiplicador dos efeitos da proposta, uma vez que ela focaliza de maneira muito central a dimensão ética e comportamental em sociedade. Assim, pensamos em um índice multiplicador de 5 por 1 na relação entre público indireto e público direto. Trata-se, entretanto, de uma estimativa ainda conservadora, considerando todo o potencial transformador da prática a ser realizada.

Embora não tenhamos o intuito de fazer qualquer tipo de sondagem prévia, que constranja as pessoas interessadas em participar da atividade, esperamos um público direto formado por pessoas que, subjetivamente, já tenham experimentado ou sido vítimas de algum tipo de discriminação ou violência por conta de sua identidade de gênero e/ou orientação sexual. Por isso mesmo, justifica-se a preferência por pessoas trans, sabidamente, as socialmente mais vulneráveis a este tipo de violência em nosso país e, em particular, nas instituições de ensino (seja na educação básica ou no ensino superior).

Local de Realização Espaço de Lutas - Bloco 1W, UFU / Campus Santa Mônica

CEP -

Parceiros Internos

- SOMA: Ações Transdisciplinares
- DIESU/PROAE/UFU

Parceiros Externos

- Associação Nanbei Wudao (Uberlândia-MG)

Cronograma de Execução

Seleção de bolsistas (março/abril de 2023);

Oficinas semanais junto ao público (6 de maio a 16 de dezembro);

Primeira roda de conversa e autoavaliação (mês de agosto);

Segunda roda de conversa e autoavaliação (mês de dezembro);

Sistematização de informações e produção de relatórios dos bolsistas (setembro, outubro, novembro e dezembro).

Referências

APOLLONI, R. W. Eu Sou a Invencível Deusa da Espada – A Representação da Mulher na "Cultura Marcial" Chinesa e seus Possíveis Reflexos sobre as Relações de Gênero, In: REVER - Revista de Estudos da Religião, no. 01: 71-90, 2004.

APOLLONI, R. W. "Shaolin à Brasileira". Estudo sobre a presença e a transformação de elementos religiosos do Kung Fu praticado no Brasil. Dissertação de Mestrado (Ciência da Religião). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004b.

CLARKE, K. (dir.). A arte marcial no cinema (The Art of Action: martial arts in the movies), Documentário de TV. Meridian: Starz Encore Entertainment, 2002.

FERREIRA, F. D. C. A inserção do Kung Fu no Brasil na perspectiva dos mestres pioneiros. Dissertação de Mestrado (Educação Física). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2013.

FREYRE, G. China Tropical: e outros escritos sobre a influência do Oriente na cultura luso-brasileira, São Paulo: Global, 2011.

GONÇALVES, E. G. Construindo uma comunidade imaginada: a samuraização do Japão Meiji, In: Prajna - Revista de Estudos Orientais, 01(1): 80-100, 2020.

GRESPLAN, C. L. Mulheres no octógono: performatividades de corpos e de sexualidades. Dissertação de Mestrado (Educação Física). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

- KENNEDY, B. & GUO, E. (ed.). *Jingwu: The School That Transformed Kung Fu*, Berkeley: Blue Snake Books, 2010.
- LEUNG, D. Martial arts and women's self-defense: two perspectives, In: WILEY, C. A. (ed.). *Women in the Martial Arts*, Berkeley: North Atlantic Books, 1992. p. 66-72.
- LOURENÇÃO, G. V. Kendo: devir samuraico, mitológicas e ritológicas nipônicas. Adentrando a "Casa Japonesa", In: *Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar*, v. 1, n. 2: 64-93, 2009.
- MAOR, M. Fighting gender stereotypes: women's participation in the martial arts, physical feminism and social change, In: *Martial Arts Studies*, no. 7: 36 - 48, 2019.
- MARTA, F. E. F. A memória das lutas ou o lugar do "DO": as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo. Tese de Doutorado (História). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.
- REIS JUNIOR, C. A. B. Processos de institucionalização do Wushu na Era Maoísta: considerações a partir da análise de manuais elaborados pela Comissão de Esportes e Cultura Física da República Popular da China entre 1958 e 1963. Dissertação de Mestrado (Educação Física). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2019.
- RUSSO, C. *Striking distance. Bruce Lee & the dawn of martial arts in America*, Lincoln: University of Nebraska Press, 2016.
- SHUSTERMAN, R. *Consciência Corporal*, São Paulo: Realizações Editora, 2012.
- TRALCI FILHO, M. A. Artes marciais chinesas: histórias de vida de mestres brasileiros e as tensões entre a tradição e o modelo esportivo. Dissertação de Mestrado (Educação Física). São Paulo: Universidade Federal de Uberlândia, 2014.
- WILEY, C. A. (ed.). *Women in the Martial Arts*, Berkeley: North Atlantic Books, 1992.

5. Equipe de Trabalho

5.1. Coordenador(a) Responsável

Nome

GUILHERME AMARAL LUZ

E-mail institucional guilhermealuz@ufu.br

Endereço Av. João Naves de Ávila, 2121. Bloco 3E, sala 121.

Telefone (34) 3239-4130

Unidade Instituto de História

Sub-Unidade Secretaria do Instituto de História

Categoria Magistério Superior, 1 e 2 graus

Total de horas de atuação na atividade 60

Atribuições

- Coordenação geral
- Orientação de bolsistas
- Oferta de oficinas de Kung Fu (Nanbei Wudao)

Regime de Trabalho Dedicção Exclusiva **Titulação Acadêmica** Ensino Superior

Área de Atuação PROFESSOR 3 GRAU

5.2. Demais Participantes da Equipe de Trabalho

Sem participantes.

6. Orçamento Previsto

Fonte de Recursos UFU - Atividade mantida com recursos da UFU (especificar o valor total do financiamento cedido pela UFU).
Órgão Executor UFU

6.1. Rubricas de Gastos

Bolsa de Extensão

Ent. Gest.	Ent. Fin.	Descrição	Custo	Qtde.	Custo
PROEXC / Edital PEIC 2022/2023.	null	10 meses de bolsa para dois estudantes UFU para apoio na organização, execução e realização do projeto.	R\$ 400.00	20	R\$ 8,000.00

Custo Total Geral: R\$ 8,000.00

_____, ____ de _____ de _____

Assinatura do(a) Coordenador(a) Responsável pelo Projeto

Assinatura do(a) Diretor(a) da Unidade